

Percursos e refúgios urbanos

Notas sobre a circulação de usuários de crack pela trama institucional da Cracolândia de São Paulo

Deborah Fromm



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3604>

DOI: 10.4000/pontourbe.3604

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Deborah Fromm, « Percursos e refúgios urbanos », *Ponto Urbe* [Online], 21 | 2017, posto online no dia 22 dezembro 2017, consultado o 21 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3604> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3604

Este documento foi criado de forma automática no dia 21 Abril 2019.

© NAU

Percursos e refúgios urbanos

Notas sobre a circulação de usuários de crack pela trama institucional da Cracolândia de São Paulo

Deborah Fromm

NOTA DO AUTOR

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da presente pesquisa (nº do processo: 14/22454-6).

Apresentação

- 1 Ao longo da última década, a Cracolândia de São Paulo se consolidou na cena pública brasileira como um “problema” que precisa ser resolvido. A cada novo programa proposto, o objetivo de alcançar o “fim da Cracolândia” é atualizado¹. O presente artigo chama atenção para a formação de uma “trama institucional” (Gregori, 2000) no território, cujo objetivo, ao menos enfatizado nos discursos oficiais, é solucionar esse enclave. Este texto pauta uma mudança de enquadramento da questão a partir do foco na maneira como o “público-alvo” se relaciona e se apropria dos serviços que atuam na região. Partindo dos percursos urbanos de três sujeitos de pesquisa, pretende-se chamar atenção para como esses personagens circulam pelas tentativas institucionais de codificação, assim como as estratégias cotidianas de sobrevivência que lançam mão.
- 2 A pesquisa etnográfica foi realizada através da circulação, entre os anos de 2011 e 2015, pelo território e pelos espaços institucionais de três programas de tratamento voltados para usuários de crack que atuavam na localidade durante esse período. O ponto de partida de minha pesquisa deu-se na Missão Batista Cristolândia, projeto da Junta de Missões Nacionais (JMN), atrelada à Convenção Batista Brasileira (CBB), criado em 2009, com o objetivo de “transformar a Cracolândia em Cristolândia”. Trata-se de um projeto missionário de evangelização que oferta serviços de assistência e a conversão religiosa

como cura para a “dependência química”, através de uma rede de internação em Centros de Formação Cristã (CFCs)².

- 3 Os outros dois programas tratados aqui, a saber, o Programa Recomeço, do Governo do Estado de São Paulo (PSDB), e o Programa De Braços Abertos (DBA), do governo municipal de Fernando Haddad (PT), ainda não existiam quando a pesquisa foi iniciada³. Ambos foram criados após uma grande operação policial, a chamada Operação “Sufoco” ou Operação “Dor e Sofrimento”, realizada em 2012⁴, em uma conjuntura política em que estavam em disputa saberes e estratégias para lidar com o uso de crack feito em espaços públicos. Instalados na mesma rua, um frente ao outro, esses dois programas materializaram na Cracolândia mais do que um conflito partidário, mas sobretudo o conflito entre duas propostas regidas por orientações díspares, que buscavam marcar suas diferenças, opondo, de um lado, a defesa da abstinência no uso de drogas e a internação voluntária ou forçada (Recomeço) e, de outro, estratégias da Redução de Danos e o discurso da garantia de direitos (DBA). Por isso, “a noção de uma trama institucional é particularmente interessante na medida em que supõe a existência de uma rede formada por uma gama de instituições e atores, cuja trama, por sua vez, revela a existência de conflitos que, **na prática diária, acabam por impedir o desenvolvimento de padrões ou procedimentos que se consolidem como soluções**” (Gregori, 2000:164 – grifos meus).
- 4 Se ao olhar para as normativas e para o cotidiano de intervenções, é evidente que tais programas possuem princípios, metodologias, pressupostos, códigos e regras disciplinares muito distintas, ao nos direcionarmos para os percursos dos “atendidos”, “usuários”, “beneficiários”, entre outras nomenclaturas, emerge a sua circulação constante por esses aparatos. Não se trata de deslocamentos só territoriais ou geográficos. Por isso, a tentativa é apreender tal circulação de maneira “código-territorial” (Deleuze&Partner, 1998; Perlongher, 2012), isto é, apreendê-los “pelos códigos e suas superfícies de inscrição em zonas do corpo social. Territorialidade entendida não apenas como espaço físico – ainda que este também seja importante (...) - mas no próprio espaço do código” (Perlongher, 2012: 159).
- 5 A aposta deste artigo está em apreender essa trama a partir das linhas traçadas por esses personagens urbanos, conhecidos como usuários de crack e a noção de *código-território* me serve como ferramenta para lidar analiticamente com a experiência dos meus interlocutores. Durante todo o empreendimento de pesquisa pretendeu-se atentar para “a importância de perseguir as práticas e circuitos das mobilidades e trajetórias urbanas” (Telles, 2010: 96). E são as trilhas oferecidas por essas trajetórias e percursos que trazem à tona dinâmicas mais amplas da cidade e conexões entre a Cracolândia e outros territórios urbanos. Mais do que isso, acompanhar tais personagens nos fazem compreender que a Cracolândia é um importante ponto de refúgio urbano, na medida em que acolhe o refúgio do mundo do trabalho, mas também o refúgio do chamado mundo do crime (Melo, 2016); desempregados, divorciados, moradores de rua, egressos do sistema prisional, migrantes recém-chegados na cidade de São Paulo; ou seja, pessoas deslocadas que na maioria das vezes não tem para onde ir ou voltar. Constatação, esta, que não está desconectada da mudança mais geral no perfil da população em situação de rua no Brasil, cujo advento do crack e das “cracolândias” aparece como ponto nodal como a já foi flagrado em etnografias recentes (Frangella, 2009; Oliveira, 2012; Pereira, 2013; Melo, 2016).
- 6 As três trajetórias abordadas aqui trazem à tona perfis sociais muito distintos. Quando tratados em conjunto fazem emergir a heterogeneidade da população da Cracolândia, além das distintas motivações para ir e permanecer no território, a multiplicidade de

relações possíveis com a substância e com os programas de tratamento. Cleo é de classe média, tem família e casa própria. Já esteve inserida no mercado de trabalho e o desemprego foi uma variável importante na sua ida para a Cracolândia. Fernanda vive nas ruas do centro de São Paulo há anos, tendo sua história de vida construída e atravessada por entre as tramas dos serviços institucionais. Já foi presa e trabalha como operadora mais baixa nas redes do comércio de drogas local. Cido chega na Cracolândia fugindo do interior depois de se divorciar da esposa. Não usa crack, faz bicos no mercado informal e agencia um ponto local de venda de drogas, lançando mão da rede de suas relações com o chamado “mundo do crime” e de seus contatos com integrantes do Primeiro Comando da Capital (PCC). Os três têm em comum a circulação constante pelos serviços da região, sem que por isso possam ser considerados como “casos de sucesso” dessas instituições.

Os personagens

Cleo

- 7 Cleo tem 33 anos, fuma crack há 17. Ao contrário do que, eventualmente, poderiam imaginar, ela afirma *“eu me formei e tive os melhores empregos fumando crack”*. Nascida e criada em uma periferia de Guarulhos, é filha de mãe solteira pernambucana. Cleo é a caçula da família, fruto de um caso da mãe com o patrão da empresa onde trabalhava. A mãe optou por nunca contar ao seu chefe que estava grávida da menina.
- 8 Cleo morou em Guarulhos com a mãe até os 18 anos, quando se mudou para São Paulo e começou a trabalhar no Call Center do Bradesco. Aos 24 anos se formou no curso de Administração de Empresas na Uninove. Ela foi a única da família a completar o ensino superior. Depois de formada, trabalhou em corretoras de seguros e se especializou no setor financeiro. Até que foi contratada pelo banco City Bank. Segundo ela, seu trabalho consistia em gerenciar uma carteira de clientes: *“Eu operava para, mais ou menos, uns trezentos clientes. Então, esses caras colocavam o dinheiro na conta e eu operava para eles. Eu tinha que garantir 5% do dinheiro deles, todo mês, comprando e vendendo ações”*.
- 9 Entre os anos de 2006 e 2013, Cleo comprou um terreno para sua mãe na periferia em que moravam em Guarulhos. Construiu uma casa e ambas retornaram para o bairro de origem. Durante esse período, Cleo trabalhava e costumava usar crack só em alguns finais de semana. Conforme me contou, não utilizava a droga na rua, mas ia até a Cracolândia apenas para comprar e fazia o uso em hotéis. Como sempre viajava a trabalho para São Paulo, sua mãe não desconfiava de seu consumo, segundo Cleo: *“Ó, perto da minha casa, onde eu moro, eu nunca consumo. Nunca usei droga na minha casa, nunca levei droga pra casa. Se eu for embora agora, esqueço tudo, não levo nada”*.
- 10 Cleo situa o momento em que começou a ter problemas em sua carreira profissional como o fato que a fez *“chegar nessa situação”*⁵, ou seja, fumar crack com mais frequência e intensidade nas ruas da Cracolândia. Assim ela conta: caiu na “malha fina” da Receita Federal, ficou com o nome sujo e, por essa razão não podia mais continuar seu trabalho no City Bank e foi demitida. Sem emprego, porém ainda com algumas reservas começou a passar períodos mais longos na Cracolândia. Na época em que nos conhecemos, março de 2015, Cleo estava há dois meses na Cracolândia sem retornar para casa. A cada dia que nos encontrávamos afirmava enfaticamente que iria embora *“daquele lugar”*. E a cada dia ela parecia mais magra e algumas feridas apareciam em seu rosto.

- 11 Cleo conta que costumava colocar um teto diário de gastos de 50 reais. Dinheiro, este, gasto exclusivamente com crack e que equivale a cinco pedras. Comida, banho e roupas não geravam gastos extras, tendo em vista serem recursos que ela conseguia com os serviços que atuam na região. Para conseguir dinheiro, Cleo se recusava a vender droga, por não querer ser considerada traficante. Sua atividade principal consistia em pegar fios de cobre de construções e obras abandonadas para revender. Porém, também arrumava trabalhos momentâneos pelo centro da cidade, tal como garçom de restaurantes ou Call Center. No mais, para a sobrevivência cotidiana, buscava os serviços da região. Era frequentadora assídua da Missão Cristolândia. Por alguns meses, nos encontrávamos diariamente por lá. Mas, também circulava pelos outros, principalmente, o Recomeço e o De Braços Abertos. *“Eu frequento quase todos. (...) Aqui [Cristolândia] é o lugar que eu mais frequento. (...) é mais completo pra mim”*. Apesar de frequentar a Cristolândia cotidianamente, Cleo nunca aderiu ao tratamento, tampouco quis ir para os centros batistas de internação. Sobre a relação da Cracolândia com os serviços, ela afirma:

“Então, hoje eles estão ali por que? Porque a Prefeitura encurralou e acomodou acho. Pro usuário ficar ali é muito cômodo. Aqui [na Cristolândia], por exemplo, você tem tudo. Você tem banho, tem comida. Lá [na Cracolândia] também, você para lá, a Tenda [do Recomeço e do De Braços Abertos] dá banho, só não dá comida, mas aparecem as igrejas todos os dias que dão comida. (...) De manhã, café da manhã pode vir tomar aqui. Tem o sopão ali de tarde. Os usuários que querem trabalhar fazem o cadastro na prefeitura. (...) Eles fazem o cadastro, aí a Prefeitura dá um hotel pra eles morarem, um quarto(...). Aí eles ganham um ticket de café da manhã, almoço e janta no Bom Prato todos os dias. É muito cômodo ser usuário aqui na Cracolândia. Então, assim, a prefeitura, ela ganha muito em cima disso né. (...) Enfim... Já me fizeram várias propostas. “Por que você não vem **trabalhar com a gente aqui no Recomeço, morar aqui nos hotéis?**”. Meu, é cômodo. Eu até poderia fazer isso, mas aí eu diria que pra mim seria o fim mesmo, porque enquanto eu não tenho vínculo nenhum aqui, meu vínculo é enquanto eu quero, mas se eu fizer esse tipo de vínculo empregatício, dizemos assim, aí eu acho que não sai mesmo porque é muito cômodo. É muito cômodo”. (Trecho de entrevista, março de 2015)

- 12 Poucas semanas depois desta entrevista, Cleo conseguiu uma vaga nos hotéis do DBA. Segundo ela, uma conhecida que era beneficiária conseguiu a vaga para ela. Cleo apenas vivia no hotel, não participava de nenhuma frente de trabalho. É interessante notar como no trecho da entrevista Cleo confunde as possibilidades oferecidas por cada programa. Não é o Programa Recomeço que oferece vaga nos hotéis ou trabalho, mas sim o Programa De Braços Abertos. Tampouco as relações de trabalho propostas tem caráter de “vínculo empregatício” ou garantia de direitos trabalhistas. Cleo sabe disso e lança mão de uma metáfora para avaliar, a partir da sua perspectiva, que criar uma rotina de trabalho no próprio território é mais uma amarra para ela permanecer na Cracolândia. Além disso, muitas das vezes as propostas e as diferenças internas à trama institucional não são evidentes da perspectiva dos “atendidos”.
- 13 Nossas últimas conversas se deram através de mensagens trocadas no Facebook. Foi por meio desta rede social que, em setembro de 2015 (sete meses depois da entrevista) me contou estar em uma clínica de recuperação particular perto do município de Ibiúna. Nesta mesma mensagem, ela dizia: *“esse mundo de vícios não me pertence mais. Acho que gostaria de saber.”*. Foi nesse momento, após 19 anos de uso, que Cleo contou para a família sobre sua relação com o crack e, em suas palavras, “pediu ajuda”. Em novembro, ela já havia saído da clínica e me escreveu: *“Já estou de volta...rs..agora quero recuperar meu*

trabalho, minha vida novamente, longe das drogas. (...)quando nos conhecemos eu estava no fundo do poço, longe do que fui um dia...". Ficamos meses sem contato, até que em julho de 2016, ela me enviou a seguinte mensagem: *"Olá! Tudo bem? Advinha onde estou novamente? Na Cracolândia... E você como está?"*. Atualmente, mais de um ano depois, Cleo continua na Cracolândia.

Fernanda

- 14 Eu sempre encontrava Fernanda pela Cracolândia, cada dia nos esbarrávamos na sede de um serviço diferente. Em uma mesma semana, por exemplo, na terça-feira nos encontramos na Missão Cristolândia, onde ela costumava tomar café da manhã e levar carinhosamente seu *neto*, filho da sua vizinha de hotel, para tomar banho. Foi nesse espaço que nos conhecemos, ainda em 2012. Baiana, com 35 anos, avó e mãe, Fernanda estava na Cracolândia desde 2011. Mas, nesse dia, demorei a reconhecer a nova figura que via na minha frente. Quando nos conhecemos, ela era muito mais magra e não tinha cabelos, havia raspado tudo por conta de uma infestação de piolhos. Ela parecia transtornada. Chorava muito e repetia que era aniversário da sua filha de 4 anos. Contou que não sabia onde suas três filhas estavam, pois haviam sumido com o ex-marido. Três anos após o nosso primeiro e conturbado encontro, ela estava irreconhecível. Mais encorpada e seus cabelos ainda curtos cresciam. Ela tampouco pareceu se lembrar de mim. Trocamos algumas palavras sobre a "fofura" do bebê que estava em seu colo e sobre o fato de que ela gostava de levá-lo até ali para "respirar outro ar", dado que, para ela, o "ar" no *fluxo* está impregnado pela fumaça que se acumula enquanto centenas de cachimbos simultaneamente queimam pedras de crack. Mencionou que ali lhe parecia um lugar mais tranquilo para passar parte da manhã com uma criança. Apesar de, como me explicou, quando está no *fluxo* com o neném todos respeitam. Ela grita "Olha o anjo!" e as pessoas abrem caminho e escondem seus cachimbos em sinal de respeito. Enquanto conversávamos, seu marido chegou. Fernanda nos apresentou rapidamente, mas logo nos despedimos, pois eles iriam regressar para casa.
- 15 Dias depois, nos encontramos no De Braços Abertos, enquanto eu conversava com o porteiro do prédio da Adesaf (Associação de Desenvolvimento Econômico e Social às Famílias), ONG que administrava as frentes de trabalho dos beneficiários e moradia destes em hotéis conveniados com o programa municipal.
- 16 Fer se juntou a nós, pois esperava a Kombi que sairia dali para ir ao curso de prevenção de HIV/ Aids. Tratava-se de uma formação necessária para que ela começasse a trabalhar na, até então, nova frente de trabalho criada no programa. A proposta era criar uma equipe de beneficiários que circulassem de bicicleta pela região central, acompanhados por um técnico social e distribuindo preservativos. Fer estava muito empolgada em sair da frente de trabalho da varrição para trabalhar nessa campanha de prevenção de DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis). Foi ali que entendi que ela era beneficiária do programa e que, por isso, vivia com seu marido em um dos hotéis conveniados da região. Durante a conversa, Fer enfatizou que antes de participar do programa, chegava a fumar 20 pedras por dia, mas que agora trabalhava todos os dias pela manhã e só fumava uma pedra aos finais de semana para relaxar. Segundo ela, o fato do seu marido, Mário, não ser usuário e não gostar de crack também a motiva a fumar bem menos. Fernanda teve que seguir para o seu curso, então nos despedimos.

- 17 Na semana seguinte, quando regresssei ao campo com Marina Mattar, também pesquisadora na região,⁶ encontrei Fer no espaço de convivência da Tenda do De Braços Abertos. Havia muitas pessoas, beneficiários uniformizados, homens e mulheres, a maioria estava sentada em cadeiras de plástico e compenetrada na programação da Rede Globo que passava em uma TV. Estavam ela, Mário e o *neto* de três meses sentados em um muro baixo perto do portão de entrada e saída. Mário dedilhava alguns acordes em seu violão. Conversamos um pouco, mas logo um funcionário do Programa Recomeço veio convidá-lo para cantar e tocar seu violão no interior do prédio, ainda em reforma, de atendimento do programa do Governo do Estado. Fernanda, na mesma hora, nos convidou orgulhosa para ir assistir ao marido tocar. Adentramos ao piso térreo do prédio do que seria um futuro hospital com leitos para a internação dos chamados *dependentes químicos*. Ao entrar no prédio, a estética *clean* dos jalecos brancos que vestem os funcionários e das paredes brancas combinadas com algumas portas e janelas de vidro se contrastam com corpos negros marcados pela sujeira da rua, os quais buscavam a possibilidade de tomar uma ducha a tempo dos rígidos horários disponíveis para a oferta do banho.
- 18 Entramos e nos dirigimos a um banco branco em formato de “s”, localizado bem na parte central do espaço, onde algumas pessoas já estavam sentadas esperando a sua vez de tomar banho. Fer enfaticamente mandou uma mulher que estava deitada se endireitar para que eu e Marina pudéssemos sentar confortavelmente. Éramos suas convidadas. Permanecemos ali escutando Mário cantar músicas de estilo Gospel. Muitos entoavam os louvores alegremente junto com ele. Tivemos que sair, pois o neném (de apenas 3 meses) estava com a fralda suja e começou a chorar de fome. Saímos e seguimos Fer por dois quarteirões até o SAE (Serviço de Assistência Especializada), onde a mãe dele faz tratamento de HIV/Aids na tentativa de encontrá-la. Fernanda rapidamente entregou seu *neto* para a mãe e regressamos ao Recomeço para encontrar Mário e irmos almoçar no Bom Prato.
- 19 Depois do almoço, seguimos, nós três, Fernanda, Mariana e eu, de volta ao *fluxo* e sentamos na esquina entre as ruas Helvétia e Dino Bueno. Passamos a tarde ali conversando. Rapidamente, o centro de São Paulo parecia uma cidade pequena. Fer cumprimentava todos que passavam pela rua. Todo mundo parecia se conhecer na Cracolândia. Não só entre os “usuários”, mas também os funcionários estatais, os porteiros dos hotéis e pensões da região, alguns moradores, comerciantes e militantes das ocupações, etc. Os próprios policiais, sobretudo da Guarda Civil Metropolitana (GCM), são ao menos visualmente conhecidos e é sabido quais são os mais violentos e os mais amigáveis.
- 20 Fer tentava agenciar um cigarro de maconha com suas amigadas. Conforme contou, a maconha lhe estava ajudando a diminuir o consumo de crack. Pedia a erva para um ou dinheiro para outro. Um homem passou, ela o chamou, mas ele seguiu apressado, afirmando “os irmão tão tudo lá na biqueira, vamo pras ideias!”. E seguiu seu caminho. Logo Fer arrumou a droga com um amigo, um polenguinho com outro e também conseguiu um Buscopan com a Pastora e coordenadora do Recomeço para aliviar sua cólica. Foi nesse mesmo dia que notei a tatuagem de Fer em um dos seus ombros: um *ying-yang* com cerca de quatro centímetros de diâmetro, feito no período que ela estava na cadeia. O símbolo japonês representa o equilíbrio entre o bem e o mal e, segundo ela, é um dos símbolos que fazem referência ao Primeiro Comando da Capital (PCC).

Seu Cido⁸

- 21 Eu conheci Seu Cido na Cracolândia no começo de 2015. Foi Cleo quem me apresentou a ele como um *disciplina* local. Ou seja, como uma liderança importante na mediação de conflitos e manutenção da ordem no território, cujas regras de conduta estão vinculadas aos princípios do PCC⁹. Seu Cido é natural de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, tem 24 irmãos e é filho de pai policial aposentado e de mãe cozinheira aposentada. Ele e sua família moravam em uma casa de um conjunto habitacional (COHAB) comprada pelo pai na metade dos anos 1970. Seu Cido estudou até o 2º grau completo e começou a trabalhar com 12 anos em uma padaria do seu bairro. Aos 15 anos, realizava pequenos furtos em mercados e, posteriormente, passou a roubar carros e mansões.
- 22 Em 1994, conta que o tráfico chegou à sua cidade, “*meu primo trouxe. Antes tinha maconha, mas cocaína e crack não*”. Nesse período, começou então a trabalhar como *vapor* na *biqueira* do primo, *irmão* do PCC, e ganhava, segundo ele, em torno de 600 a 700 reais por noite. Essa foi uma primeira etapa da sua participação no tráfico local. Depois, também ocupou o cargo de gerência, no qual, segundo ele, ganhava cerca de 4.800 reais por mês. Além do tráfico também realizava assaltos. Em paralelo a essas atividades, trabalhava nos mercados legais, como segurança, frentista de posto de gasolina ou em bicos feitos em padarias e depósitos de bebidas. Os assaltos e as atividades do tráfico serviam para complementar a sua renda. Sua primeira prisão ocorreu em 2008 por tráfico de drogas quando tinha 34 anos. Ele afirma: “*eu comprava a minha droga e colocava os moleques para trabalhar para mim*”. Essa era a sua estratégia para evitar ficar na linha de frente e assumir todos os riscos do negócio. Quando foi preso, foi para uma cadeia com a disciplina do Comando e se aproximou dos *irmãos* do PCC, “*quando eu cheguei, eu já conhecia todo mundo que estava preso lá. (risos) Meu sobrinho estava preso lá*”.
- 23 Seu Cido ficou preso 1 ano e 8 meses, saiu no começo de 2010 e continuou no interior com sua família até outubro de 2014. Foi então que ele se mudou para São Paulo. Além da separação com a esposa, após mais de 20 anos de casamento, a motivação para a mudança foi fugir de seu cunhado (ex-marido da sua irmã). Em uma briga de bar, Seu Cido esfaqueia o rapaz e outro homem. Segundo ele, seu cunhado traía a sua irmã, até então não se envolvia nos assuntos da família, mas naquela dia o homem estava bêbado e passou a desrespeitar a ele e seus parentes. Fugindo do bar, ainda trocou tiros com policiais em uma viatura que passava pela região - acertou três tiros em um dos policiais. Seu Cido, então, muda-se para a casa de seu tio no Jardim Ângela, periferia de São Paulo. Chegando lá, aciona a sua rede de relações do “mundo do crime”, procura os *irmãos* (do PCC) para expor os fatos e tentar resolver a pendência. Seu Cido e o cunhado foram chamados para debater o ocorrido com os *irmãos*. O cunhado confessou que estava errado e que era culpado.
- 24 Resolvida a pendência, Seu Cido sai da casa do tio no Jardim Ângela e busca abrigo nos albergues do centro da cidade. Passou apenas três semanas nos albergues por não aguentar a desorganização de tais espaços. Foi morar em uma pensão na Rua São João, onde pagava sete reais a diária. Em pouco tempo arrumou um serviço como auxiliar de limpeza. Antes da sua separação, Seu Cido foi usuário de cocaína por 20 anos. Ele diz que era um consumo controlado, que nunca teve problemas de cunho pessoal ou profissional por conta da droga e que tampouco contraía dívidas com traficantes. Sempre pegava a droga e já pagava. Sobre sua ida para Cracolândia, ele conta:

“Eu vim para Cracolândia porque eu estava morando ali na São João, aí eu conheci os meninos ali [rapazes que trabalham no tráfico na região] (...). Eu encosto [na Cracolândia] para eu ver se não vou ter recaída das drogas. Eu parei vamos dizer que é recente, faz 7 meses. Então, para eu ver se não vou ter recaída, eu tenho que viver no foco onde tem ela. (risos) Porque aí eu vejo como está a situação do pessoal ali e eu não vou querer a mesma situação do pessoal ali [para mim], né?! (...) E eu vim para ganhar dinheiro também né!” (Trecho de entrevista, maio de 2015)

- 25 Na Cracolândia, Seu Cido consegue se inserir no mercado local de drogas. Para tanto, aciona o contato de um *irmão* do PCC conhecido das suas redes de relação do interior do estado. É esse *irmão* que passa a lhe fornecer a mercadoria. No início, ele próprio vendia no *fluxo*. Pouco tempo depois, transfere a atividade para um conhecido de confiança, mantendo o papel de mediação. Ou seja, ele pega a droga e dá uma parte para um conhecido vender. No caso, por exemplo, de pegar 50 pedras de crack, a 10 reais cada uma, conseguiria 500 reais com a venda. Desses 500, 100 é dele. Dos 400 que sobraram, 200 é a comissão do seu parceiro e 200 ele guarda para pagar a mercadoria que pegou com o *irmão*.
- 26 Seu Cido tornou-se um *disciplina* ali na Cracolândia. Quando questionado sobre como isso aconteceu, Seu Cido afirma que há uma divisão entre quem vende e quem usa a droga, de modo que os *disciplinas* locais não podem ser usuários, ele explica:
- Tem quem vende e quem usa. Quem não usa tem a mente mais aberta. Porque eu não vou deixar um cara que usa droga conduzir a minha vida! Entendeu? Porque de repente ele pode estar louco, tá cheirado.. Então, como que ele vai ser uma pessoa digna para estar conduzindo a sua vida, para abrir a visão de alguém? Não tem como! (...) Se você não está usando nada e errar, você vai ser cobrado porque estava plenamente consciente daquilo que você está fazendo (...) Os meninos chegaram em mim [e disseram]: ‘ow, fecha com nós porque eu sei que você não usa nada’(...) ‘fecha com nós porque vire mexe nós tem que deixar um aqui e você está sempre aqui. Você é a pessoa mais indicada porque você está sempre aqui e também já veio indicado pelo nosso irmão da outra quebrada. Soma com nós”. (Trecho de Entrevista, maio de 2015)
- 27 Na época em que Seu Cido morava na pensão, conheceu um beneficiário que lhe explicou como participar do Programa De Braços Abertos. Ficou interessado. Conseguiu uma vaga no hotel através da mediação de um dos *disciplinas* locais para deixar de pagar a pensão onde estava vivendo. Além da economizar os custos de moradia, Seu Cido passou a receber 115 reais em troca de seu trabalho na varrição de rua, 80 reais do “renda cidadã” e 80 reais do Bolsa Família. Assim conseguia se sustentar e ter o mínimo. Além disso, com essas atividades ele não estava interessado apenas no ganho de renda: “É um meio para eu dizer pra polícia, quando ela me abordar[dizendo]’ você não é daqui de São Paulo. O que você está fazendo aqui?’ [Eu responder] Não, estou em um projeto aqui, larguei da minha esposa e vim pra cá correr atrás da minha vida. Então, eu tenho um *álibi* para chegar nele e convencer eles”.

Escapando das codificações, circulando pela trama institucional

“(…) o nômade não é forçosamente alguém que se movimenta: existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidade, e mesmo historicamente os nômades são aqueles que não mudam à maneira dos migrantes; ao contrário, são aqueles que não mudam e **põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos**” (Deleuze, 1985).

- 28 As trajetórias de Cleo e de Seu Cido, assim como o dia-a-dia de Fernanda, evocam questões que Gregori (2000) já havia flagrado em sua pesquisa com meninos em situação de rua: “o fato de eles estarem sempre circulando por locais variados no espaço público, pelas instituições, nas idas e vindas entre casas e as ruas. **Eles se “viram”, circulando.** A movimentação é constante: eles não se fixam em um lugar, assim como não estabelecem relações muito permanentes” (Gregori, 2000: 19 – grifos meus). A antropóloga chama a atenção para a maneira como “eles capturam o modo como são vistos e tratados, maximizando assim suas oportunidades e os instrumentos de que dispõem para viver e se posicionar no mundo” (Gregori, 2000: 32). Porém, “a mobilidade não indica falta de parâmetros, mas **a habilidade em transitar** de um polo a outro” (Gregori, 2000: 221 – grifos meus).
- 29 Brognóli (1999), em sua etnografia realizada com andarilhos em situação de rua, também enfatiza esse aspecto móvel da experiência de seus interlocutores, cujo estilo de vida não é sedentário:
- “Organizando seu cotidiano através de táticas diversas, trecheiros e pardais movem-se de acordo com oportunidades fortuitas, apreendidas caso a caso, **deslizando entre regras e valores sociais, tornando aquilo que seria desfavorável em vantagem, isto é, revirando códigos em seu proveito**”. (p, 81 – grifos meus).
- 30 Assim também ocorre com grande parte de meus interlocutores e interlocutoras que conheci na região da Cracolândia. Eles circulam e se apropriam com destreza de distintos *códigos-territórios* (Deleuze&Partner, 1998 ; Perlongher, 2012), de modo a combinar a circulação constante pelos programas com resistência territorial.
- 31 O fato é que esses sujeitos (e outros) circulam por entre a trama conformada pelos programas instalados na região. São programas que assumem o discurso e se organizam em função de um objetivo, ao menos programático, de transformar o território e “acabar com a Cracolândia”. Na prática, conformam uma trama institucional que não é coesa, nem articulada. Ao contrário, é uma trama que opera de maneira segmentada e comporta serviços completamente autônomos com redes de tratamento e de recursos independentes. Cada um desses programas, sobretudo, a Cracolândia, o Recomeço e o De Braços Abertos, se pensa como totalidade. Cada um a sua maneira tem como horizonte a transformação deste território. Em que pese suas diferenças de orientação, possuem em comum o fato de que propõem estilos de vida ancorados em distintos paradigmas técnico-morais para superar o uso intensivo de crack, e que perpassam, sob os princípios orientadores de cada um, questões religiosas e dilemas espirituais, o campo da medicina, o tratamento em Comunidades Terapêuticas e as estratégias da Redução de Danos. Cada qual a seu modo produz tensões e continuidades entre contenção e proteção; abstinência e medicalização; ajuda e direitos.
- 32 Porém, na liminaridade entre cuidado e controle emergem linhas de fuga por onde deslizam os sujeitos. Se a proposta e objetivo é transformá-los em missionários, abstinentes ou trabalhadores ordeiros, esses distintos modelos de intervenção estão longe de conseguir capturar os indivíduos e conformar identidades fixas. Os sujeitos transitam entre os vários programas e lidam com esses diferentes *códigos-territórios*, se adaptam e se apropriam de acordo com seus próprios interesses, e com as distintas dinâmicas, linguagens e grades de inteligibilidade que conformam cada um desses espaços. Eles instrumentalizam os poucos recursos concedidos pelos serviços em prol da sua sobrevivência e da continuidade do consumo e da vida na rua; algumas vezes agenciam

- períodos curtos de internação para “dar um tempo” do crack, comer melhor, ter uma cama quente para descansar, ou então para se proteger da violência policial, de cobranças de dívidas ou, ainda, curar-se de alguma doença. Se por vezes estão em busca de cuidados e proteções momentâneas, isso está longe de significar transformações profundas ou “recomeços”.
- 33 Cleo, por exemplo, oscila entre períodos de estadia nas ruas da região central de São Paulo e em sua casa em Guarulhos. Em casa se recusa a usar drogas. Quando na Cracolândia, transita por várias entidades com valores, princípios e paradigmas completamente distintos, à procura de garantir suas necessidades cotidianas. O mesmo se passa com Fer, cujo dia a dia implica em negociar com os agentes de saúde, missionários, policiais, assistentes e educadores sociais, também com sua patroa e os rapazes do tráfico local. S. Cido, por sua vez, não consome crack, está inserido nas baixas posições econômicas do tráfico e possui um papel de respeito frente aos frequentadores da Cracolândia. Apesar de não ser usuário de crack, também precisa circular pela trama institucional para se manter, conseguir alguns recursos e proteção frente às investidas policiais.
- 34 Foi no contexto pós Operação Sufoco, marcado pela proliferação de serviços que então se sucedeu, que se arma esse cenário de um trânsito permanente por entre uma trama institucional que então se configurou, possibilitando um aumento na oferta de refúgios possíveis. Os efeitos desses programas ao invés de induzir a errância, parecem, ao contrário, “encurrular” ou “acomodar” a população usuária de crack, como Cleo sugere. De um lado, se parecem cercar e vigiar, de outro, oferecem confortos, algumas facilidades e comodidades. Nesse período, subsequente à Operação Sufoco, a repressão, não deixou de existir, mas passou a se dar de uma forma mais racionalizada “numa tentativa de gerir essa territorialidade, com técnicas de contenção, cercamento, controle da circulação (...), regulamentando os movimentos, resolvendo as confusões” (Magalhães, 2016, p 21).
- 35 Mattar (2017) chama a atenção para essas duas formas de gestão do espaço em tensão. De um lado, a prática policial de dispersar os usuários de crack pela malha urbana e, de outro lado, a necessidade de uma forma de atuação mais localizada das instituições de cuidado que corrobora para uma fixação territorial do *fluxo*. A Operação Sufoco foi uma aposta na dispersão da população usuária de crack, esperando que a pulverização haveria de resolver o problema. Sob essa perspectiva, evitar a aglomeração das pessoas seria a estratégia para promover o “fim da Cracolândia”. Mas o problema foi apenas deslocado: as pessoas se dispersaram pela cidade e por outras partes do centro conformando pequenos grupos e “mini-cracolândias” em outros lugares. Ao invés de diminuir ou acabar com o “problema”, outros bairros nas adjacências da Luz foram “contaminados” e tiveram que lidar com o crescimento da presença indesejada de pessoas em situação de rua e usuários de crack.
- 36 Com a instalação dos programas voltados aos usuários de crack e a constituição de uma trama institucional sediada na região da Cracolândia, não se trataria mais de dispersar essa população, mas de constituí-la como “públicos-alvo” cativos dos serviços, concentrados por isso mesmo na região. Para viabilizar e facilitar o trabalho das agências de cuidado é necessário que a população usuária de crack permaneça concentrada em um mesmo ponto, de preferência próximo às sedes dos serviços oferecidos na região. Em certo sentido, o espaço é então sedentarizado, recortado e fiscalizado. É preciso fixar para codificar. A própria atuação dos agentes da segurança teve que ser modificada. Nesse período, o efetivo policial aumentou na região, sobretudo, com uma maior presença da Guarda Civil Metropolitana (GCM). Os agentes policiais se mantinham diariamente

cercando e vigiando os quarteirões próximos à Cracolândia. A Polícia Militar passou a atuar de maneira mais pontual, acionada geralmente em momentos de conflito. Além disso, ambas as forças receberam ônibus de videomonitoramento do programa federal “Crack, é possível vencer”, os quais foram instalados nas cercanias do *fluxo*. A PM também ganhou uma nova sede na Praça Coração Liceu de Jesus no momento da sua revitalização em 2013.

- 37 Grandes operações policiais de dispersão deixaram de acontecer nos anos que se seguiram à Operação Sufoco, até o início de 2017. Em resposta às críticas e conflitos acirrados provocados por esta conturbada operação policial, os programas implantados na região nos anos seguintes foram regidos, ao menos formalmente, pelo primado no “tratamento”, “cuidados” e “proteção” aos usuários de crack.
- 38 No entanto, outra clivagem terminou por se impor: entre usuários e traficantes (Canônico, 2015), cada qual alvo e figura destinada ao braço estatal mais adequado, seja a cadeia ou as instituições de cuidado. E é por essa via que a criminalização e repressão foi reposta no território. A ênfase no primado na atenção, cuidado ou tratamento se compõe com exigência da presença policial massiva, sob o argumento da necessidade imperativa de combate ao tráfico de drogas. Aos serviços caberiam o tratamento e a assistência voltada para os usuários de crack; à polícia caberia prender os traficantes, evitar que a droga chegue ao local e garantir a segurança dos trabalhadores sociais atuantes na região. Com especializações distintas (e uma miríade de disputas internas), “acabar com a Cracolândia” é objetivo comum.
- 39 A fixação territorial do *fluxo*, de um lado, alimenta os serviços, mas, de outro, realoca a proposta de por “fim à Cracolândia” e liberar o território. A aposta é que, ao acessar os serviços, as pessoas sairiam da Cracolândia na medida em que tivessem tratado a “dependência química”. Supõem-se que os serviços possuem o papel de ocupar um vazio na vida dessas pessoas, as quais teriam rompido com a família e a sociedade, para então reinseri-las socialmente e no mercado de trabalho. Espera-se que os atendidos parem de usar drogas – como no caso do Recomeço e da Cristolândia, ou que, ao menos, estabeleçam uma relação mais equilibrada com a substância como no Programa De Braços Abertos. No horizonte desses programas, está o paradigma da (re) inserção no mercado de trabalho, da recuperação da “dignidade”, da “autonomia pessoal”; **da transformação**.
- 40 No entanto, sob a perspectiva das experiências sociais que atravessam essas trajetórias, o lugar desses serviços, e também do uso de drogas, ficam inteiramente deslocado. Tratam-se de histórias e trajetórias muito heterogêneas que não se reduzem às codificações que esses programas constroem na gestão e controle do território. Cleo, Fernanda e Seu Cido possuem em comum, para além do traço geracional (tem entre 33 e 40 anos), as origens sociais de bairros considerados periféricos. No entanto, suas inserções no “mundo do trabalho” e no “mundo do crime” são muito distintas. Assim também, as forças e interesses que os levaram até a Cracolândia variam para muito além do consumo de crack, assim como as motivações que os fizeram permanecer no local e as relações que estabelecem com cada serviço e com os pares no seu dia a dia.
- 41 Fernanda era beneficiária do De Braços Abertos e reconhecia os benefícios do programa na sua vida, na medida em que passou a ter um teto, usar menos droga e ter uma rotina de trabalho. As marcas do apoio institucional ficaram corporalmente visíveis e expressivas. Seu corpo, antes, muito magro, sujo e sem cabelos devido aos piolhos, ganhou peso e passou a ter um aspecto saudável e limpo. Paralelo à sua inserção no programa municipal, ela não deixou de fazer outros *corres*, fazendo uso de um pequeno tráfico de rua para

complementar sua renda, nem deixou de se apropriar dos recursos oferecidos pelos outros serviços que atuam no local. Já Cleo era frequentadora assídua da Missão Cristolândia, mas nunca quis se internar nas casas do programa. Ao buscar tratamento, acionou sua família que teve condições de pagar uma clínica particular fora dali e do escopo dos programas. Dormia no hotel do De Braços Abertos, mas se recusava a participar das frentes de trabalho, pois compreendia que desenvolver um “vínculo empregatício” tendia a prendê-la mais ainda no território. Seu Cido, por sua vez, também estava no programa De Braços Abertos, porém nunca consumiu crack, apenas cocaína. O que o levou ao território não foi a “dependência química”, mas a sua rede de relações com o comércio varejista de drogas. Sua passagem pelo sistema penitenciário e sua proximidade com agentes do PCC em sua cidade de origem, lhe permitiram acionar fornecedores da mercadoria ali pelo centro da cidade. O tráfico nunca foi a sua única atividade, mas sempre complementou a sua renda com empregos precários (frentista, auxiliar de limpeza, entre outros nos quais já trabalhou). Ao negociar uma vaga no De Braços Abertos, buscava garantir moradia, uma renda a mais e a proteção frente à polícia. Ao contrário de buscar os espaços das ONGs ou os funcionários estatais para conseguir uma vaga no programa, foram seus contatos e sua rede de relações com o tráfico local que também viabilizaram sua inserção na trama institucional como um “usuário de crack” qualquer.

- 42 Este aspecto de busca contínua de maximização das oportunidades e recursos disponíveis para sobreviver tem a ver com a “viração” que Gregori (2000) identificou entre os meninos de rua na década de 1990. A autora compreende tal termo como uma “simbiose peculiar entre luta pela sobrevivência e interação simbólica”, atentando não só para a busca por recursos, mas como para tanto o meninos, no caso de estudo dela, lançam mão de um complexo jogo entre os próprios interesses e a imagem que o outro tem deles. Ou seja, há um caráter duplice da “viração”, de “estratégia ao mesmo tempo de sobrevivência material e mediadora de posicionamentos simbólicos”¹⁰. Viração não é o termo usado por meus interlocutores. “Fazer um corre” é o termo de que lançam mão ao se referirem a aspectos da “luta pela sobrevivência”- conseguir dinheiro, resolver um problema, fazer um assalto ou vender droga. “Estar na correria” é um outro termo corrente, associado ao processo de “se virar”, ou seja, ter autonomia e resolver questões burocráticas e problemas, agenciar recursos, dinheiro, trabalho e bicos com atividades ilegais. Apesar de suas especificidades, é interessante notar como ambas as expressões, – viração, na década de 1990, e “fazer um corre” ou “estar na correria”, na época atual – estão relacionadas à ênfase na percepção do movimento e da circulação como características importantes da vida nas ruas¹¹.
- 43 Circulação essa que se, de um lado, é fruto das estratégias e agenciamentos daqueles que são alvo do apoio e controle institucional, de outro, muita das vezes, é induzida pela própria trama institucional. No caso da Cracolândia, por exemplo, era costume de alguns grupos de beneficiários do DBA, antes de saírem para o trabalho matinal, tomar café da manhã na Missão Cristolândia e lá assistirem aos cultos ministrados. Os próprios monitores do serviço levavam seus grupos na sede da política evangélica. Da mesma maneira, durante a pesquisa de campo, ocorreram casos em que agentes da prefeitura indicam pessoas e famílias a buscarem internação nos centros batistas por falta de vagas nos serviços estatais. Também não é incomum que agentes de saúde busquem usuários no espaço batista ou que realizem exames nos usuários que estão sendo atendidos pelo programa evangélico e, eventualmente, cuidem da saúde dos próprios missionários. Por

outro lado, se uma pessoa chega na sede da Cracolândia pedindo para tirar a documentação, o missionário vai sugerir que ela busque a assistente social. Em casos de pessoas com problemas psiquiátricos ou que tomam medicação e que desejam se internar para tratar a “dependência química”, a equipe da Missão irá sugerir que ela busque os serviços do CAPS AD ou do Programa Recomeço. É interessante notar como que conhecimentos sobre a trama institucional vão sendo trocados entre funcionários e usuários dos serviços. Os operadores da trama institucional também induzem as pessoas ao fluxo, tendo em vista as parcerias estabelecidas, assim como as diferentes atribuições e limitações de cada serviço.

Conclusões parciais

- 44 A circulação pelo interior da trama institucional produzida por ela própria e como estratégia de alguns dos usuários, como Fernanda, Cleo e Seu Cido, combinada com a resistência territorial destes acaba por produzir o efeito indesejado, da perspectiva dos gestores, de permanência e fixação territorial da Cracolândia. A construção social da Cracolândia como um “problema” que precisa ser solucionado vem indissociavelmente acompanhada da produção de uma aporia urbana, isto é, algo insolúvel ou de difícil solução. Por sua vez, quanto maior a visibilidade e magnitude da aporia, maior ainda a necessidade de investimentos, recursos e instituições mobilizadas para tentar resolvê-la. Ao mesmo tempo em que buscam o “fim da Cracolândia”, a trama institucional armada também se alimenta da sua existência e necessita da contenção da população usuária de crack em um mesmo local para viabilizar o seu trabalho. As atuais políticas idealizam “acabar com a Cracolândia”, mas também produzem uma fixação territorial das populações que circulam na região.
- 45 Se de um lado, apostou-se em fixar a Cracolândia para viabilizar a atuação dos serviços e, com isso, a saída daquelas pessoas do consumo intensivo de crack e das ruas, por outro, o acesso a diferentes serviços de atenção possibilita que as pessoas se mantenham e sobrevivam nas ruas, fazendo uso de recursos aos quais não teriam acesso em outros territórios. O fato é que o tão almejado “fim da Cracolândia” não acontece, persiste na própria medida em que essa territorialidade é um importante ponto urbano de acolhimento do refugio do mundo do trabalho e do mundo do crime (Melo, 2016), como nos mostram as trajetórias de Cleo, Fer e Seu Cido. Para além de todo sofrimento social também condensado ali, são produzidas redes de relações, de alianças e de trocas que minimizam dores e que fazem circular ajudas mútuas, afetos e também informações. Relações que produzem fluxos e vínculos interpessoais e com o espaço, além de produzirem regulações, ordenamentos e refúgios possíveis.

BIBLIOGRAFIA

BOURGOIS, Philippe. In search of respect: Selling crack in El Barrio. Cambridge University Press, 2003.

- BROGNOLI, Felipe Faria.** 1999. Com a cara no mundo: seguindo o rastro dos nômades urbanos. In: MARQUES, Ana Claudia [et al.]. Andarilhos e Cangaceiros: a arte de produzir território em movimento. Itajaí, Editora da Univali.
- CANÔNICO, Letícia.** 2015. Entre usuários e traficantes: Múltiplos discursos “sobre” e “da” atuação dos agentes de segurança na região da “cracolândia”. Dissertação de Mestrado em Sociologia. UFSCar – São Carlos.
- DELEUZE, Gilles.** 1985. Pensamento nômade. Nietzsche hoje, p. 56-76.
- DELEUZE, Gilles; PARTNER, Claire.** Diálogos. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p
- FRANGELLA, Simone Miziara.** *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo.* São Paulo: Anablume, Fapesp, 2009
- FROMM, D. R.** 2016. Deus e o Diabo na Terra do Crack: A Missão Cracolândia e a *cosmopolítica* batista. In: RUI, Taniele; MARTINEZ, Mariana; FELTRAN, Gabriel (orgs.). Novas faces da vida nas ruas. São Carlos: EdUFSCar.
- GREGORI, Maria Filomena.** Viração: experiências de meninos nas ruas. Editora Companhia das Letras, 2000.
- HIRATA, D.** 2010. *Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida.* Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MAGALHÃES, T.R.P.** Campos de disputa e gestão do espaço urbano: o caso da “cracolândia” paulista. 2015. Dissertação de Mestrado. USP.
- MALLART, Fábio.** Cadeias dominadas: a Fundação CASA, suas dinâmicas e as trajetórias de jovens internos. 2014.
- MALVASI, P. A.** 2012. *Interfaces da vida loka: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo.* Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MATTAR, Marina.** No labirinto: formas de gestão do espaço e das populações na Cracolândia. Dissertação de Mestrado em Sociologia. USP. São Paulo, 2016.
- MELO, Tomás.** Mundos que refugam, ruas como refúgio: reconfigurações no perfil social da população em situação de rua. In: FELTRAN, G.; CRUZ, E. Dossiê Derivas e Vidas. Revista Florestan, n.5, 2017.
- OLIVEIRA, L. M. F.** Circulação e fixação: o dispositivo de gerenciamento dos moradores de rua em São Carlos e a emergência de uma população. 2012. 148f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.
- PERLONGHER, Néstor.** O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. 2012.
- RUI, Taniele Cristina.** Nas tramas do crack: etnografia da abjeção. Editora Terceiro Nome. 2014.
- TELLES, V.** 2010. A cidade nas fronteiras do legal e ilegal. São Paulo: Argumentum.

NOTAS

1. Ver: “Moradores do centro de SP se unem para exigir o fim da cracolândia”, Folha de SP, Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1392663-moradores-do-centro-se-unem-para-exigir-o-fim-da-cracolandia.shtml> ; “Fim da cracolândia levará ao menos dois anos, diz diretor da polícia anti-drogas” Folha de São Paulo. Disponível em: <http://>

www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/01/1728477-fim-da-cracolandia-levara-ao-menos-2-anos-diz-diretor-da-policia-antidrogas.shtml; “Fim da Cracolândia: o que especialistas, governo e Prefeitura apontam como solução para a feira de drogas em SP”, BBC, disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-40115560>.

2. Em pesquisas anteriores me dediquei especificamente sobre a atuação, pedagogia e princípios atrelados a essa missão na Cracolândia, ver: Fromm (2016). Convém ressaltar que se trata de um projeto de âmbito nacional, parte de uma proposta cristã de nação que está presente, para além de São Paulo, em outras cinco capitais: Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belo Horizonte e Vitória.

3. “Programa Recomeço – Uma Vida Sem Drogas” é o nome dado ao Programa Estadual de Enfrentamento ao Crack do Governo do Estado de São Paulo. O Programa De Braços Abertos foi criado, em 2013/2014, pela Prefeitura Municipal de São Paulo na gestão Fernando Haddad (2013-2016). Foram cadastradas pela Prefeitura cerca de 300 pessoas, as quais passaram a dispor de moradia em hotéis, três refeições diárias no restaurante popular Bom Prato e vagas no serviço de zeladoria urbana com a função de varrição das ruas do centro e um pagamento semanal equivalente a 15 reais por dia em troca de 4 horas de serviço diário.

4. Ver o texto de Magalhães neste Dossiê.

5. Para uma análise da expressão “nessa situação” na sua relação à corporalidade dos usuários de crack, ver Rui (2014). No capítulo 5, a antropóloga argumenta que “os usuários de crack não assistem passivamente ao definimento de seus corpos. Ao contrário, eles fazem isso com os próprios corpos” (p. 279).

6. Pesquisadora, mestre em Sociologia, Marina Mattar é uma das autoras desse dossiê.

7. Nesse caso, o homem fazia referência à realização de um debate organizado pelos membros do Primeiro Comando da Capital (PCC). Há uma vasta bibliografia sobre a atuação do PCC nas periferias e presídios de São Paulo na regulação de condutas e do mercado de drogas, assim como na mediação de conflitos e manutenção da ordem local. Ver: Feltran (2011, 2012) e Biondi (2010).

8. Esta entrevista foi realizada, em maio de 2015, conjuntamente com os pesquisadores Fábio Mallart e Mariana Matínez no quarto do hotel onde morava Seu Cido. Agradeço a ambos pela parceria na realização da pesquisa de campo.

9. Sobre a expansão dos enunciados do PCC na mediação de conflitos e manutenção da ordem em diversos territórios urbanos “marginais” de São Paulo, assim como sobre a posição dos chamados *disciplinas*, ver: Feltran (2011, 2012), Biondi (2010), Hirata (2010), Malvasi (2012) e Mallart (2014). Sobre a presença do PCC na Cracolândia, ver Rui (2014).

10. “Viração é um termo empregado coloquialmente para designar o ato de conquistar recursos para a sobrevivência. Mais usualmente é referido às atividades informais de trabalhar, dar um jeito, driblar o desemprego etc. Os meninos de rua se viram, o que significa, em muitos casos, se tornarem pedintes ou ladrões ou prostitutas ou ‘biscateiros’ ou, ainda, se comportarem como menores carentes nos escritórios de assistência social. Para eles, a viração contém algo mais do que a mera sobrevivência embora seja o seu instrumento. (...) é uma noção que sugere, mais do que o movimento – que é dinâmico e constante –, uma comunicação persistente e permanente com a cidade e seus vários personagens. (...) a viração na rua não se vincula apenas à aquisição de bens para sobrevivência imediata, ela pode fornecer, sobretudo, relações e interações entre parceiros”(idem, p.31).

11. Vale ressaltar que essas expressões também marcam uma importante ênfase no *fazer* e na *ação*, assim como na disposição em agir. Ou seja, eles estão longe de assistirem passivamente a sua precariedade. Esse também é um importante aspecto ressaltado por Philippe Bourgois (2010: 2) em sua pesquisa com usuários de crack: “*Of course, on an immediately visible personal level, addiction and substance abuse are among the most immediate, brutal facts shaping daily life on the street. Most importantly, however, the two dozen street dealers and their families that I befriended were not interested in talking primarily about drugs. On the contrary, they wanted me to learn all about their daily struggles for subsistence and dignity at poverty lines.*”

RESUMOS

A partir de uma pesquisa etnográfica (2011 – 2015) na Cracolândia, o presente artigo busca lançar luz sobre as relações estabelecidas pelos usuários de crack com a trama institucional local, sobretudo, com os principais programas que atuavam na região neste período, a saber, o Programa Batista “Cristolândia”, o Programa Municipal “De Braços Abertos” e o Programa Estadual “Recomeço”. Partindo dos percursos urbanos de três sujeitos de pesquisa, pretende-se chamar atenção para como esses personagens circulam pelas tentativas institucionais de codificação, assim como as estratégias cotidianas de sobrevivência que lançam mão. Argumento que há um “efeito indesejado do território” que está em tensão com a tentativa institucional de “acabar com a Cracolândia”, o qual potencializa a circulação desses sujeitos pelos distintos programas, ao mesmo tempo em que sedentariza e ajuda a manutenção da vida nas ruas.

From an ethnographic research (2011-2015) in Crackland, this article seeks to shed light on the relationships established by crack users with the local institutional network, especially with the main programs that worked in the region in this period, the Baptist Program "Cristolândia" (Cristland), the Municipal Program "De Braços Abertos" (Open Arms) and the State Program "Recomeço" (Restart). Starting from the urban paths of three research subjects, it is intended to draw attention to how these characters circulate through institutional attempts at codification, as well as their daily strategies of survival. I argue that there is an "unwanted effect of the territory" that is in tension with the institutional attempt to "put an end to Cracolândia", which potentiates the circulation of these subjects through the different programs, at the same time as it sedentarizes and helps to maintain their lives in the streets.

ÍNDICE

Palavras-chave: crack, Cracolândia, Recomeço, De Braços Abertos, batistas

Keywords: crack, Crackland, addiction, treatments, Sao Paulo

AUTOR

DEBORAH FROMM

Centro de Estudos da Metrópole

Doutoranda em Antropologia Social (UNICAMP)